

ALÉM DA LUTA E DA MILITÂNCIA: Relatos de operários da MORAES S/A em Parnaíba-PI nas décadas de 1970 e 1980

Messias Araujo Cardozo*

Resumo

No artigo eu abordo as experiências de operários da MORAES S/A em Parnaíba-PI nas décadas de 1970-80, a partir da história oral e da consulta a periódicos e outros documentos, busquei enfatizar a cultura a margem da militância. Aponto a não radicalidade e “essencialidade” revolucionária dos operários no intuito de narrar suas lutas, concepções religiosas e políticas deixando eles mesmos falarem por si. Foi-nos perceptível que os operários em questão não lutavam ou se organizavam contra o sistema ou contra o patronato no sentido tradicional, seja por meio do sindicato, greves e ou motins por razões e motivos intrínsecos a sua formação e não por “alienação”.

Palavras-Chave: Operários, Parnaíba-PI, Experiência.

Abstract

In the article I approach the issue the experiences of factory workers in MORAES S/A in the decades of 1970-80, in Parnaíba-PI based on oral history and consultation with periodicals and other documents I searched to emphasize the culture margin of militancy. I point to the do not radicality and “essentiality” of revolutionary factory workers the purpose of narrate their struggles, religious and political conceptions leaving them speak for themselves. It was perceptible that the factory workers in question did not fight or organized themselves against the system or against the employers in the traditional sense, either by trade union strikes and or rioting for reasons and intrinsic reasons their education and not by “alienation”.

Keywords: Factory Workers, Parnaíba-PI, Experience.

32

* Graduando do oitavo período do curso de Licenciatura Plena em História da UESPI (Campus Alexandre Alves de Oliveira), bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID, Subprojeto de História). E-mail: messias.histsocial@gmail.com

1. Uma não tradição visível e exacerbada de luta e combatividade operária em Parnaíba-PI: operários de perfil conservador

Em primeiro lugar “[...] é importante superar o mito da recuperação absoluta da ‘história operária’, ou de sua reconstrução heroico-contínua, cronológica e integral” (HARDMAM, 2002, p. 41). O fazer-se do operariado de Parnaíba foi um tanto lento se comparado à região sudeste, e suas primeiras associações de classe provam que as classes trabalhadoras de Parnaíba ainda imbuídas de uma concepção mutualista, não provocaram um curto-circuito na sociedade de classes.

Na altura da década de 1940, existiam algumas associações de classe, com ênfase mais em uma organização de ajuda mútua do que com caráter mais combativo, radical. Dentre essas associações se destacavam:

*O Centro Operário Beneficente Parnaibano, fundado nesta cidade, a 7 de Setembro de 1927, é uma instituição de honra ao operariado local. Pelo sentido associativo do empreendimento. Pela exata compreensão da solidariedade de classe. Pelo espírito fraternal que conduz a associação.*¹

Existia ainda O Círculo Proletário S. José que:

[...] foi idealizado, organizado e finalmente, fundado nesta cidade, a 12 de Maio de 1943, [...]. Sua fundação, em sessão solene, teve lugar no salão da sala paroquial, posto a disposição da sociedade por Monsenhor Roberto Lopes grande benfeitor da instituição. [...] O círculo proletário S. José é instituição beneficente e de amplos afins

*de assistência aos seus associados. Sociedade de belo futuro, do círculo proletário S. José é lícito que se espere grandes serviços ao proletariado parnaibano, principalmente a infância operária, merecedora de atenção e desvelo.*²

Como já afirmaram alguns autores (HARDMAM, 1982; BATALHA, 2000; REZENDE, 1994), as associações deste tipo, com uma ideologia de “conciliação entre as classes”, além da notável influência religiosa e do seu atrelamento aos patrões, dificilmente conseguiriam as mudanças e que as reivindicações proletárias fossem atendidas, devido a certo pacifismo (além de sua recusa da greve como forma de reivindicação por parte dos trabalhadores) e sua submissão ao patronato.

Existiam também neste período, além de Institutos e Associações profissionais, algumas organizações sindicais, tais como:

Sindicato dos Oficiais de Máquinas, dos motoristas e dos condutores em Transportes fluviais (Fundado em 12 de Julho de 1941 – Associados inscritos: 67), Sindicato dos Contramestres, Marinheiros, Moços e Remadores em Transportes fluviais no Estado do Piauí (Fundado em 22 de Julho de 1941 – Associados inscritos: 920), Sindicato dos Foguistas em Transportes fluviais no Estado do Piauí (Fundado em 21 de Julho de 1941 – Associados inscritos: 145), Sindicato dos práticos, Arrais e Mestres de cabotagem (Fundado em 22 de Julho de 1941 – Associados inscritos: 124), Sindicato dos estivadores do Estado do Piauí (Fundado em 22 de Julho de 1941 – Associados inscri-

¹ Fonte: **Livro do Centenário da Parnaíba**, 1944, p. 211.

² Fonte: **Livro do Centenário da Parnaíba**, 1944, p. 213, 214.

tos: 130), *Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da construção e do Mobiliário de Parnaíba (Fundado em 22 de Agosto de 1942 – Associados inscritos: 1.123)*, *Sindicato do Comércio Atacadista no Estado do Piauí (Fundado em 14 de Março de 1942 – Associados inscritos: 21)* e o *Sindicato dos Empregados do Comércio de Parnaíba (Fundado em 16 de Outubro de 1943 – Associados inscritos: 278)*.³

Apesar do expressivo número de sindicatos, e de associações de cunho mutualista, não devemos esquecer-nos do contexto nacional, após 1937, e, sobretudo depois da promulgação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) em 1943, o sindicalismo perdeu em muito a combatividade e a independência frente ao Estado que detinha antes de meados da década de 1930 (ANTUNES, 2003).

“Antes do padrão estatal do sindicato único por categoria se impusesse no pós-1930, era bastante heterogêneo o quadro sindical e associativo dos trabalhadores no Brasil” (HARDMAM, 2002, p. 42). Além de heterogêneo era, sobretudo combativo, a chamada cooptação da classe trabalhadora pós-1937 (REZENDE, 1994) não deve ser visto como fator determinante e totalizante. Mas temos que ter em mente que a cooptação pós 1937 não foi um processo novo, já precedia o período Vargas.

Todavia, o padrão mutualista de organização dos trabalhadores em Parnaíba neste período se mostra como uma padronização submissa por parte dos sindicatos, com forte presença dos patrões e de religiosos nestas instituições, que sem dúvida não objetivavam mudanças sociais abruptas, menos ain-

da revolucionárias, nos levando a caracterizar a história da cidade, e o comportamento dos trabalhadores como majoritariamente conservador, com trabalhadores conformados e disciplinados.

Ao mesmo tempo em que ressurgiam as lutas sindicais após os anos do Estado Novo pelo restante do país, tendo em vista entre outros fatores que “no início dos anos 50, sob o último governo de Vargas, o movimento sindical atingiu novamente grande dimensão” (ANTUNES, 2003, p. 53).

A cidade de Parnaíba estava isolada, pois o perfil da classe operária era pacato e até conservador, visto o grande número de associações mutualistas na década de 1940 (quando em fins da década de 1920 pelo Brasil elas eram praticamente nulas) e o sindicalismo da cidade ser pouco expressivo quando comparado aos outros movimentos sindicais que se proliferaram pelo restante do Brasil.

2. Relatos de operários da MORAES S/A nos anos 1970 e 1980: além da luta, mas longe da alienação

O *bar*, é um espaço onde o trabalhador se sente a vontade⁴, é um espaço para além da fábrica, é a negação do recinto laboral. Elencamos o bar, em virtude de que três entrevistados (dentre os cinco) nos indicaram este local como o espaço onde eles se relacionavam neste período.

O nosso colaborador, senhor João Pedro, nos indica que:

Rapaz, tinha um bar do seu zé.. que agente ia tomar umas sabe... eu bebo desde de novo, parei mais agora por causa da saúde.. mais tinha dois bar que os que trabalhavam lá na

³ Fonte: **Livro do Centenário da Parnaíba**, 1944, p. 242, 243.

⁴ “Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se senti fora de si” (MARX, 2001, p. 114).

MORAES iam, era ali pela Coroa sabe?... Lá era bom, agente se divertia junto, a turma quando trocava sabe, agente descia pra lá... era bom porque agente mal se falava quando tava lá no MORAES, mais lá no bar era bom.. o seu zé vendia fiado e eram pouca as briga porque era só nos mesmo sabe? Só quando um ou outro bebiam era que tinha essas coisa. Lá no seu zezim... que era como agente chamava o seu José, os pessoal do sindicato também apareciam eles pagavam umas pinga as vezes pra nos.. mais a maioria deles não bebia, só ia pra conversar sobre o trabalho... né...⁵

Nos bares como o do “seu zezim”, os operários costumavam contar suas angústias e infortúnios, mas o local servia, sobretudo para socializarem as experiências de vida, o espaço do bar era o espaço anti-fábrica, no sentido do não-trabalho, do divertimento e do não-esforço, isto é evidente quando o colaborador afirma que “Mais era no bar do seu zezim que a gente se sentia a vontade mesmo”. O bar é historicamente um local do trabalhador, onde na folga ele diverte-se.

E pelos bares da cidade, estes operários viviam o que a fábrica não poderia lhes oferecer: momentos agradáveis, o que nos é patente, a partir das falas dos entrevistados é o quanto a fábrica se assemelha a prisão sem condenação formal, era o espaço anti-lazer. O álcool, companhia miserável onde o trabalhador se afundava para negar sua condição proletária (ENGELS, 2010), era para eles o líquido que ativava as sensações de agradabilidade, gozo e *sensação de liberdade*, o alcoolismo, principalmen-

te para o anarquismo (HARDMAM, 2002) e para Trotsky⁶ em particular, era uma lástima que devia ser veemente combativa, visto que contribuía para a perpetuação da alienação do trabalhador, o que o tornava mais mesquinho e incapaz de somar na luta revolucionária para sua emancipação.

Sobre este espaço, afirma o colaborador Eduardo Sampaio Araujo de Melo, ex-operário da MORAES entre 1976 e 1982, que chegou a participar do sindicato, porém segundo ele “não teve muita sorte”. O senhor Eduardo é hoje aposentado pelo sindicato dos trabalhadores rurais, visto que após sua passagem pela MORAES voltou ao campo. Ele hoje tem 69 anos, vive no Bairro do Carmo. A entrevista foi realizada em sua residência.

Sobre o nosso jeito de se divertir, era pros bares que a gente ia muito né [...] tinha alguns perto da MORAES, tinha dois que eu costuma ir, um era do “seu zé rico”, a gente chamava ele assim pois vivia viajando... Tinha também o bar do zezim onde a turma, principalmente os que trabalhava lá a mais tempo ia. Era muito bom sabe, o serviço era duro e toma uma ou duas é sempre bom num sabe.. Mais lá no bar é que era diferente não sabe, dava pra achar muita graça, lembro que uma vez teve um que bebeu tanto que disse que não ia mais voltar pra fábrica. Era um lugar onde eu gostava de ir... mais minha mulher reclamava quando eu chegava tarde [...].⁷

⁶ Sobre isto ver: “Trotski: a vodka, a igreja e o cinematógrafo” In: Op. Cit, HARDMAM (2002), onde Trotsky afirma que é necessário: “Desenvolver, reforçar e organizar, levar a contento a política antialcoólica [...]. Neste ponto, nenhuma concessão é possível” (HARDMAM, 2002, p. 227).

⁷ Entrevista concedida por Eduardo Sampaio Araujo Melo a Messias Araujo Cardozo em 22 de Setembro de 2015.

⁵ Entrevista concedida por João Pedro dos Santos Amaral à Messias Araujo Cardozo em 11 de Agosto de 2015.

“[...] lá era outro lugar sabe, era diferente [...]” como podemos traduzir esta diferença? Pensamos na perspectiva de uma oposição, e esta manifesta em relação ao espaço fabril, que para nós era por eles concebido como o local puro e simples de trabalho, e estes se traduziam em manutenção de seu modo de existência, no sustento da família e lhes rendia a rubrica de “cidadãos”, ainda que estes dotados de uma postura disciplinada e até mesmo reacionária em relação a outros centros como poderemos visualizar mais adiante neste trabalho.

Outro fato que nos foi perceptível foi que as mulheres eram excluídas deste espaço e para além de suas ocasionais críticas e oposições frente ao dinheiro que escorria pelo gargalo, ou seja, o protesto pelo gasto inútil (frente à demanda do sustento familiar, onde estas mulheres representam o chamado “matriarcado orçamentário”⁸) elas se viam reclusas ao espaço doméstico, o bar representava então um espaço masculino, expressão de uma sexualização do espaço citadino, visto que o bar se associava ao consumo do álcool e a promiscuidade (PERROT, 1988, p. 209).

2.1 A cultura religiosa: catolicismo, trabalho e conservadorismo.

Outro local de sociabilidade diagnosticado, onde estes operários frequentavam buscando refrigério e alento frente à vida é a *Igreja*, neste caso restringe-se ao catolicismo. A fé, expressada aqui na ida as procissões, e nas missas entendemos como mais um dos aspectos que denotam o profundo espírito moderado destes operários, entende-se por “espírito” nada de metafísico, mais sim como uma expressão de vontade de agir, co-

⁸ Sobre o “matriarcado orçamentário” ver: PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 192.

mo já ressaltamos historicamente a cidade não tem uma cultura de movimentos sociais, entendemos “cidade” expressa em grupos que agem por meio de protestos, greves, motins e etc. Então, esta forte religiosidade que poderemos vislumbrar, é característica do povo da cidade, que em nosso entendimento historicamente experienciou as relações sociais como um todo harmônico, uma sociedade sem antagonismos de classes.

Entretanto, esta religiosidade, para o pensamento de movimentações mais radicais que discutem até as hierarquias religiosas fora pérfido para a classe operária em questão, se pensarmos na perspectiva de um pensamento laico, esquerdista e com vistas a movimentos sociais radicalizantes.

E dizemos isto, mas ressaltando que não queremos imputar a eles isto, até porque se deve levar em conta a origem e as circunstâncias sociais destes indivíduos, porém, esta religiosidade no mínimo era inibidora de uma consciência de classe mais aguda e operante no sentido de greves e motins por exemplo.

Segundo seu João Pedro, nosso colaborador, a religião é o principal e mais importante aspecto da vida, é vital para que “o homem que trabalha crie um espírito de seguir em frente”.

Olha, nossa religião era a católica, como ainda hoje eu sou graças ao meu senhor Jesus Cristo e a nossa senhora das graças meu filho que me protege, eu e minha família todinha. Quando nós trabalhava lá na MO-RAES agente ia todo mundo pras procissão e pra missa também, missa era mais difícil mais vez por outra nós ia. Ia era muitos que trabalhavam lá [...]. Nas procissões era mais animado num sabe? Alguns bebiam demais depois, tem sempre umas venda de pinga por perto que vendia e o povo compra mesmo né... Eu

acho que Deus... assim a religião não sabe, é importante demais pra que o homem que trabalha crie um espírito de seguir em frente não sabe? O trabalhador só trabalha na terra que Deus da pra ele, seja na terra, no serviço na fábrica, na enxada conserando uma coisa ou outra é tudo dado por Deus, e os padres são homens de Deus, são os que nos diz as palavras dele não sabe [...].⁹

A religiosidade representaria para nós neste caso, outro ponto de ancoragem do trabalhador frente a sua vida e os problemas correspondentes a sua existência tanto no mundo do trabalho como nas outras instâncias. O que podemos perceber é certamente que a religiosidade aqui expressa corrobora com a visão naturalista do mundo do trabalho onde este é concebido sem exploração, com caráter preexistente e atemporal.

Para estes operários, o homem nasce e morre trabalhador (equivalente a honesto), o que é positivo, visto que isto sustenta a ideia de que “a essencialidade do trabalhador” é sua honestidade, zelo moral, e, sobretudo sua paciência, alicerçada nesta ideia de que a sociedade é um todo sem fraturas de classe, e que o mundo do trabalho é desta forma por vontade e desejo divino, sendo assim é inútil (ao que isto nos sugere) resistir à ordem social.

Outro de nossos colaboradores, o sério senhor Marcos, que para nós é um homem de convicções que flerta com uma direita moderada (um conservador no sentido de apegado a ordem tipicamente militar), mais que em assuntos de religião é tradicional, no sentido de católico convicto e fervoroso defensor da religião e até da infabilidade do papa.

⁹ Entrevista concedida por João Pedro dos Santos Amaral à Messias Araujo Cardozo em 11 de Agosto de 2015.

Segundo o ex-operário Marcos:

Olha, a minha religião desde que eu me entendo por gente é a católica, foi com fé em Deus e em Jesus e Nossa Senhora que eu to vivo até hoje. Naquela época da MORAES que nós trabalhava lá fazendo sabão e no manejo com a cera era todo mundo católico...

E acrescenta:

Rapaz, uma coisa é certa: o trabalhador só come aquilo que Deus da pra ele de direito, que ele consegue trabalhando honestamente como homem que foi feito por Deus rapaz. Agente naquele tempo costuma ir nas procissão na missa... Eu acredito que o homem sem Deus, ele pode até ter muito dinheiro, mais sem a fé, se não seguir o que o Papa diz ele morre de nadar e não sai da praia.

À nossa análise, estas falas ilustram de forma clara como estes operários entendiam o mundo como um todo acabado, sem divisões de classe, onde a exploração, que era até percebida em alguns pontos das falas eles comentam-na, não se revertia em ações mais diretas típicas de movimentos combativos, como greves e motins.

A ordem social era entendida como intrínseca a ordem social em que Deus era o grande arquiteto e este era sinônimo de religião católica, a correlação fé, deus e igreja católica é marca patente entre todos os nossos colaboradores.

2.2 Ideias em termos de política: visão conservadora, saudosismo da “ordem”.

Os operários da MORAES S/A que entrevistamos, para além do bar e da Igreja, também tinham ideias políticas nos anos 1970-80, cartografá-las não foi ta-

refa fácil e nem quando das entrevistas eles logo foram identificando suas “filiações ideológico-partidárias”, tivemos que reter fragmentos que nos sugerem estas e de antemão podemos dizer que em síntese seus ideários políticos estão completamente alinhados ao conservadorismo político e até com flertes abertos a direita do período da ditadura.

Existe quando analisamos as entrevistas deles uma coisa em relação à política que os unem: um saudosismo em relação a uma Parnaíba “da ordem”, uma saudade de um período disciplinar e exemplar, não importa se sem voto (e neste caso, por conseguinte sem as “amolações” do ser social político ativo na figura do eleitor...).

Sem participação mais, sobretudo sem responsabilidade, no caos ou no “milagre”, a política parece algo longe, distante, a esfera de poder parece desvinculada da pequena realidade destes trabalhadores, todavia, os mesmos não se revoltaram contra tal (pelo menos não através de greves e protestos).

Como sobre as suas práticas culturais no âmbito da religião e do lazer na figura do bar, sobre estes operários caem uma enorme herança histórica advinda do campo. Como grande parte dos entrevistados veio das regiões do interior, onde a política é feita pelos “grandes” e a maior parte da população apenas a contempla, quase como espectadores de um jogo em que são participantes mínimos, não é de admirar que na cidade eles fossem se comportar disciplinarmente em termos de política, sem radicalismos e sobressaltos.

Além do conservadorismo político destes operários, a ideologia do *trabalhismo* nos seus termos de conciliar a cooperação econômica com a paz social e a simbiose entre dirigismo e “participação”¹⁰ (FERREIRA, 2001, p. 175) eram características das visões políticas dos operários em questão, como diz o colaborador seu João Pedro: “*Política é coisa de rico, trabalhador tem que se ajudar e cooperar com a política na medida do possível né...*”.

Entendemos ideologia trabalhista, nos termos de Angela de Castro Gomes, cientista política brasileira que é autora de livro clássico sobre o tema, segundo (GOMES, 2005, p. 300-301):

A invenção do trabalhismo e a montagem do sindicalismo corporativista, [...] constituíram as pedras de toque para a incorporação política dos trabalhadores. [...]. O sucesso do discurso trabalhista e da organização de interesses corporativista baseou-se na resignificação de todo um elenco de demandas e toda uma tradição cultural e política centrada no valor do trabalho e da dignidade do trabalhador, desta feita enunciados e reconhecidos pelo próprio Estado.

Este é o ponto: centralismo do valor do trabalho e da dignidade da pessoa do trabalhador, esta lógica esta impregnada nos discursos dos trabalhadores da MORAES S/A que entrevistamos, várias são as alusões ao valor de ser trabalhador, a ética do ato laboral como virtude, como condição para a quase ostentação do epíteto “cidadão”. Vejamos isto, por exemplo, quando um de nossos colaboradores nos afirma que:

Quem trabalha é quem é homem mesmo, ser cidadão é ser trabalhador. E na época que nos trabalhava

¹⁰ Trata-se aqui do artigo “Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)” de autoria de Lucília de Almeida Neves, In: FERREIRA, Jorge. **O populismo e sua história: debate e crítica**. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 167-203.

lá na Moraes eu sempre fui dessa forma. Nós trabalhava pra come mais porque é isso que o cidadão tem que fazer. Quem trabalha tem valor, tem dignidade e outra coisa, naquela época tinha ordem as coisas sabe... Não é hoje que é essa política ae que não vai pra frente... Quem comandava eram homens de farda e que colocavam ordem, a Parnaíba era boa de se viver, e eu tive orgulho de trabalhar minha vida inteira.¹¹

Existem entre todos os entrevistados algumas linhas mestras de pensamento político-social, pudemos diagnosticar ao menos dois eixos que se adequam ao que a autora citada chama de trabalhismo e que nos permite dizer que estes operários eram ideologicamente trabalhistas (o que infere na consciência e nas movimentações de classe, falaremos disto mais a frente).

Estes eixos eram: o *conservadorismo político* (com flertes e até defesas em relação à direita militar) e uma *ética teleológica da existência humana pelo ato do trabalho* (e este ser que trabalha é sinônimo e condição necessária para a cidadania segundo o que nos sugerem suas falas).

Em relação ao trabalhismo, este reserva algumas características nocivas quando pensamos a classe em termos de manifestação, oposição e ação frente a abusos e as condições de existência a que o trabalhador fabril se vê impelido na sua existência enquanto classe.

Estas características são que o trabalhismo é impregnado de: anti-socialismo, ideia de homogeneidade social, negação completa da luta de classes e a participação política (quando existe) é restrita a confirmar o poder decisório nas mãos do Estado, além do

sindicalismo pelego¹² e do não intervencionismo por parte dos trabalhadores nas questões sociais mais amplas (FERREIRA, 2001, p. 202).

Apenas em relação ao anti-socialismo (pois nenhum entrevistado se reportou ao mesmo) todos estes caracteres que compõem o conceito de trabalhismo estão presentes nas falas destes trabalhadores. Outra coisa que nos foi patente foi o saudosismo em relação ao regime militar.

Segundo o senhor José Pedro:

Política não é coisa que gente pobre tem que se meter não, só na hora de vota mesmo certo. Eu nem votava naquela época... E era era bom. O homem que trabalha faz parte da sociedade e todos somos iguais até porque Deus fez o homem igual né verdade? Essa questão de poder deixa pra quem é da política mermo, o homem que vive no seu serviço não tem que se meter nisso não. Acho que por isso que naquela época as coisas andavam em ordem [...] ¹³ Grifo nosso.

Ainda neste sentido do trabalhismo, uma entrevista é praticamente uma descrição conceitual, além de nela podermos vislumbrar alguma consciência da existência de uma classe para o indivíduo que fala. Segundo o colaborador Augusto Gomes:

Quem trabalha tem que ser obediente se não perde o emprego ou prejudica o companheiro ali da labuta. Nós que trabalhava na Moraes na

¹¹ Entrevista concedida por Marcos da Silva Cardoso à Messias Araujo Cardozo em: 18 de Abril de 2015.

¹² Sindicalismo pelego refere-se ao tipo de organização sindical sem autonomia, atrelado ao Estado ou ao patronato. Sobre o sindicalismo ver: Op. Cit, ANTUNES, 2003.

¹³ Entrevista concedida por João Pedro dos Santos Amaral à Messias Araujo Cardozo em: 11 de Agosto de 2015.

época não tinham muito essa coisa de se envolver em política não. O que faz do homem um cidadão é seu serviço, seu trabalho. Com fé em Deus meu filho agente segui, e deixa quem ta na poder faz o que deve ser feito, nem sindicato nem nada tem que se mete nisso não [...] ¹⁴ Grifo nosso.

Estas falas nos sugerem uma representação de uma classe apolítica, mais não devemos generalizar obviamente, até porque como já falamos neste trabalho havia sindicato e indivíduos talvez mais radicalizados (até pelo seu possível envolvimento e conhecimento de outros centros com movimento operário mais desenvolvido).

Em relação ao *conservadorismo*, as falas deles são nítidas. Existe entre a maioria dos entrevistados um aspecto de saudosismo pelo regime militar, que para eles é fortemente associado (umbilicalmente poderíamos dizer) com os signos de ordem, paz e segurança social.

Segundo o colaborador Eduardo Sampaio Araujo Melo, nesta época em que trabalhava na MORAES S/A:

*A cidade era bem diferente. Íamos trabalhar cedo, chegávamos e quando um pouco atrasados já dava pra ouvir a sirene, é que **tocava uma sirene** ai quem tava por perto ia pro serviço, era um alerta não sabe... Na época era tudo tranquilo, tinham **tudo em ordem na cidade**. Quem governava o país era os **militares** não é verdade? Militar é homem de autoridade, eram eles é que eram pra governar*

o país inté hoje rapaz. Não esse bando de ladrão [...] ¹⁵ Grifo nosso.

A sirene para nós ilustra como no cotidiano, já estava impregnada a lógica disciplinar. Imaginem uma pequena massa de trabalhadores, que ao ouvirem a sirene se dirigiam todos para o serviço. De forma semelhante ao rebanho que obedece aos chamados da ordenha do seu pastor.

E ainda segundo o colaborador a sirene tocava para trocar as turmas (o serviço era efetuado por turmas que revezavam, trabalhava-se em alguns períodos diuturnamente, mas apenas em certos períodos da produção), a sirene tocava para a alimentação e podia ser ouvida nos arredores da fábrica.

O que podemos perceber além do saudosismo a uma sociedade disciplinar¹⁶ mais efetiva (visto que eles vêem na nossa perspectiva a atualidade e, por conseguinte a democracia como uma forma degenerada da vida política, mesmo que se sacrifique o direito de voto e etc.), é a confluência entre poder militar e segurança para o trabalhador.

Considerações Finais

A pesquisa buscou perceber as experiências cotidianas dos operários em questão desconectadas da militância ou da política combativa. O que nos permite descrever uma sociabilidade no período sem grandes agitações sociais no meio dos trabalhadores. Desnecessário afirmar que não falamos por todos os trabalhadores nem negamos que na época (ou em outra) os operários sempre mantiveram um perfil conservador, religioso e não combativo.

¹⁴ Entrevista concedida por Augusto Gomes de Castro Filho à Messias Araujo Cardozo, em 05 de Outubro de 2015.

¹⁵ Entrevista concedida por Eduardo Sampaio Araujo Melo a Messias Araujo Cardozo em 22 de Setembro de 2015.

¹⁶ Sobre a ideia de sociedade disciplinar ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

Ao falarmos das associações mutualistas e de sindicatos na cidade, podemos perceber é que não havia neles um perfil de combatividade, que postulasse a concepção de luta de classes entre os trabalhadores da cidade, seu perfil foi à nossa análise tradicional e com sua ideologia (que apesar de não negarmos a possível existência de radicalismos e ações mais combativas na história dos trabalhadores da cidade) vinculada ao trabalhismo, o que reverberou consequentemente em posturas tradicionais do ponto de vista político, do ativismo e em termos de movimento operário.

Seu lazer, no caso o *bar*, deve ser encarado com um dos signos típicos da cultura do trabalhador rural¹⁷ que teve continuidade na cidade de Parnaíba. Em sua maioria eles tiveram uma socialização na zona rural antes de vir trabalhar na fábrica MORAES S/A, e assim como os entrevistados não se reportaram a nenhuma revolta camponesa também não indicaram ou aludiram uma movimentação mais combativa quando trabalharam na cidade de Parnaíba no período, o que descredibiliza falar em “alienação” e sim em cultura não militante, afinal esta não é a “essencialidade” do operariado ou da classe trabalhadora.

A forte *religiosidade*¹⁸ católica também não foi uma experiência adquirida após a vinda à cidade (e, por conseguinte as experiências fabris) mais uma condição à que já estavam habituados, preexistente, fazia parte de suas coordena-

¹⁷ O consumo do álcool se relaciona ao operariado desde o início da revolução industrial como nos indica Friedrich Engels. Sobre isto ver: ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 142.

¹⁸ A religiosidade é um aspecto importante para a formação da classe, da consciência de classe. Sobre isto ver: THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa. Vol. 1 A árvore da liberdade**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

das culturais formadoras de seu ser social, que para o movimento operário pode ser entendido em termos de atraso, visto que a ideologia católica (cristã) nega a realidade classista e insiste na “conciliação entre as classes”.

As *ideias políticas* ou o que á nossa análise podem ser percebidas como concepções políticas dos operários em questão, são conservadoras. Indicando-nos que no meio dos trabalhadores da cidade no período o que existia era uma confirmação e até mesmo identificação dos colaboradores com a “ordem” e outros signos do regime civil-militar imposto em 1964.

Fontes Consultadas e Referências Bibliográficas

Entrevista concedida por Armando Pereira dos Santos Neves a Messias Araujo Cardozo em 03 de Setembro de 2015.

Entrevista concedida por Augusto Gomes de Castro Filho à Messias Araujo Cardozo, em 05 de Outubro de 2015.

Entrevista concedida por Eduardo Sampaio Araujo Melo a Messias Araujo Cardozo em 22 de Setembro de 2015.

Entrevista concedida por João Pedro dos Santos Amaral, em 11 de Agosto de 2015.

Entrevista concedida por Marcos da Silva Cardoso, em 18 de Abril de 2015.

Jornal Inovação, edição de 6 de Abril de 1978.

Livro do centenário da Parnaíba. 1944 MORAES S/A – Celulose, Indústria e Comércio. **75º Aniversário, 4 de Março de 1904 4 de Março de 1979**. (Parnaíba (PI), Fevereiro de 1979).

Mensário da Associação comercial de Parnaíba, BOLETIM COMERCIAL. Março, 1944, Ano I, nº 2.

ANTUNES, Ricardo. **O que é sindicalismo**. 18ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Pri-**

meira República. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

FERREIRA, Jorge. Org. **O populismo e sua história: debate e crítica.** Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Angela Castro. **A invenção do trabalhismo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2002.

MARX, Karl. **Os Manuscritos econômico-filosóficos.** Ed. 3ª reimpressão, São Paulo: Martin Claret, 2001.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REZENDE, Antonio Paulo. **História do movimento operário no Brasil.** Ed. São Paulo: Ática, 1994.

THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa. Vol. 1 A árvore da liberdade.** 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.